

Feirantes vivem expectativa em relação ao futuro

A menos de uma semana para terminar o prazo de permanência no Mané Garrincha, sacoleiros querem garantir o direito de continuar vendendo

Ana Delmonte

Especial para o **Correio**

Na contagem regressiva para a transferência das barracas que ocupam o estacionamento do estádio Mané Garrincha, a incerteza diante do futuro tira o sono da grande maioria dos ambulantes que sobrevivem da venda dos produtos trazidos do Paraguai. O próximo dia 28 é o último dia que os sacoleiros podem permanecer onde estão. A partir dessa data, a remoção pode acontecer até mesmo com o uso da força, como anunciou o governador Cristovam Buarque na última sexta-feira. Os feirantes que não querem testar a força do governo começaram a se apresentar ontem no cadastramento para trabalhar na Ceasa, a área destinada para o comércio.

Além do medo de perder o sustento, os sacoleiros têm em comum o ingresso na "profissão". Cansados de procurar, sem sucesso, uma colocação no mercado formal de trabalho, descobriram no comércio ambulante a única alternativa de se excluírem das estatísticas de desemprego.

PEREGRINAÇÃO

Desde que soube da decisão do GDF de transferir a Feira do Paraguai, a ambulante Maria de Oliveira, 36 anos, não dorme direito. Mãe de sete filhos, separada, ela tira sua renda média de R\$ 300 da venda dos brinquedos que traz de Ciudad del Este, no Paraguai.

A barraca que Maria mantém na feira foi o fim de uma peregrinação que começou com o sonho de uma vida melhor. Há oito anos, ela saiu da cidade de Piri-piri, no Piauí, para procurar emprego em Brasília. No Planalto Central, passou dificuldades e

sobreviveu à custa de favores. A vida somente melhorou quando conseguiu sua banquinha de importados.

"As pessoas acham que a gente ganha uma fortuna aqui. Até agora ainda não consegui o dinheiro para pagar a conta de luz, que está para ser cortada", reclama a ambulante, que divide com os filhos um barraco de apenas um cômodo em Santa Maria.

A falta de opção também foi o que motivou o ambulante José Nildo Pereira de Oliveira, 31 anos, a se transformar em vendedor ambulante. O paraibano de Campina Grande tem segundo grau completo e até cursou um ano de faculdade, mas o estudo não foi suficiente para lhe garantir o emprego que sonhava encontrar em Brasília.

Agora, ele sustenta a irmã e dois sobrinhos com os R\$ 1 mil que fatura com a venda do material escolar comprado em São Paulo. José Nildo não está tão assustado com a possibilidade de ser transferido para uma área próxima à Ceasa, mas reclama da indefinição quanto ao processo de legalização dos feirantes.

O destino da Feira do Paraguai preocupa também frequentadores assíduos, como o empresário Henrique Mendonça. Até o ano passado, pelo menos uma vez por semana ele passeava por entre as barracas alinhadas no estacionamento. Somente mudou de hábito porque lhe falta tempo, mas conta que seu escritório foi totalmente decorado com produtos comprados na feira.

"Aqui existem produtos de decoração, louças e bandejas de prata importados de países como Espanha e Itália a preços muito melhores do que no comércio tradicional", comentou Mendonça.



O empresário Henrique Mendonça decorou o escritório somente com produtos da Feira do Paraguai: artigos a preços melhores do que no comércio tradicional